

A encruzilhada de Exu: um diálogo entre a sociedade disciplinar e uma educação para a vida

Rodrigo Diaz de Vivar e Soler¹

Rafael Araldi Vaz²

Thomas Teixeira³

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v16i47.70444>

Resumo: Em que consiste o diálogo em torno da emergência da sociedade disciplinar e uma educação para a vida a partir dos horizontes de uma pedagogia da encruzilhada? Partindo deste questionamento, apresenta-se um *texto-ofrenda*, um sacrifício pelo qual toda a sabedoria de Èsù é cuspada, oferecida como ebó, compreendida como uma política do vazio em torno de uma experiência ética da educação, que se ergue em meio aos escombros dos dispositivos de colonização provenientes da academia. Em um primeiro momento nosso texto procurará pensar as correlações entre a mortificação dos corpos abjetos e a destituição da memória ancestral pelas mãos da educação como projeto político. Já o segundo momento é voltado para a dimensão performática de Èsù como possibilidade de uma educação para a vida desde a perspectiva da decolonialidade.

Palavras-chave: Èsù/Exú; educação; colonização; decolonialidade.

The crossroads of Exu: a dialogue between disciplinary society and a education for the life

Abstract: What does the dialogue around the emergence of a disciplinary society and an education for life from the horizons of a crossroads pedagogy consist of? Based on this question, an offering-text is presented, a sacrifice through which all of Esù's wisdom is spat out, offered as ebó, understood as a politics of emptiness around an ethical

¹ Doutor em Filosofia pela UNISINOS. Professor efetivo do curso de Psicologia da FURB, professor Colaborador do Mestrado em Educação da FURB e professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemáticas da FURB.

² Doutor em História Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2019) e docente do Departamento de História da UNIFACVEST. E-mail: araldivaz@yahoo.com.br.

³ Mestre em Psicologia pela UEM (2019) e docente nas Faculdades Integradas de Três Lagoas (AEMS). E-mail: rsf@foa.unesp.br.

experience of education, which rises amidst the rubble of colonization devices coming from academia. Initially, our text will seek to think about the correlations between the mortification of abject bodies and the destitution of ancestral memory at the hands of education as a political project. The second moment is focused on the performative dimension of Èsù as a possibility of an education for life from the perspective of decoloniality.

Keywords: Èsù/Exú; education; colonization; decoloniality.

La encrucijada del Exu: un diálogo entre la sociedad disciplinaria y una educación para la vida

Resumen: ¿En qué consiste el diálogo en torno al surgimiento de una sociedad disciplinaria y una educación para la vida desde los horizontes de una pedagogía de encrucijada? A partir de esta pregunta se presenta un texto-ofrenda, un sacrificio a través del cual se escupe toda la sabiduría de Esù, ofrecido como ebó, entendido como una política de vacío en torno a una experiencia ética de educación, que se levanta entre los escombros de los dispositivos de colonización que vienen desde la academia. Inicialmente, nuestro texto buscará pensar en las correlaciones entre la mortificación de cuerpos abyectos y la destitución de la memoria ancestral a manos de la educación como proyecto político. El segundo momento se centra en la dimensión performativa de Èsù como posibilidad de una educación para la vida desde la perspectiva de la descolonialidad.

Palabras clave: Èsù/Exú; educación; colonización; descolonialidad.

Recebido em 20/11/2023 - Aprovado em 25/12/2023

Introdução: a entrega do Ìpàdè

Em que consiste o objetivo de um texto que se propõe a dialogar em torno da emergência da sociedade disciplinar e uma educação para a vida a partir dos horizontes de uma pedagogia da encruzilhada? Em linhas gerais, trata-se de um *texto-ofrenda*, um sacrifício pelo qual toda a sabedoria de Èsù é cuspada, oferecida como ebó, compreendida como uma política do vazio em torno de uma experiência ética da educação, que se ergue em meio aos escombros dos dispositivos de uma colonização, cujas ressonâncias são inscritas e sentidas até hoje nos corpos negros e indígenas, sendo que

O chamado fim do mundo não é uma profecia, mas sim uma prática sistêmica que sustenta a modernidade e se perpetua ao longo de um tempo encapsulado pelas promessas de progresso e desenvolvimento civilizatório. Por mais que tenhamos sido investidos para esperar o fim e para ver baixar a salvação dos “justos”, não nos cabe mais a contemplação dessa história. Ao longo desse tempo colonial muitos mundos já acabaram, foram esquecidos e assassinados. Porém o que permanece aqui é a guerra. Porém, o que permanece por aqui é a guerra. E, nesse caso, os praticantes contrários ao modo dominante estão a batalhar para continuar a existir (RUFINO, 2021, p. 9).

É nesse contexto que emerge a condição de possibilidade da evocação de uma presença ancestral, como a de Èsù, responsável pelo subsídio das estratégias de resistência contra tal projeto de mortandade. Èsù é aquele que fala pela boca de um mundo que agoniza, mas vive. Um mundo que se pretende ser anticolonial pelas mãos da encruzilhada. A encruzilhada, como tão bem nos lembra Rufino (2019), não deve ser entendida como metáfora, nem mesmo como uma alegoria. Toda encruzilhada é vida, é caminho e múltipla direção. Considerado como rei da encruzilhada, Èsù é aquele que nos dispõe a necessidade de encararmos as dimensões políticas, éticas e estéticas da vida a partir de múltiplas possibilidades. Encruzar as experiências éticas e estéticas de uma educação para a vida significa afastar para longe qualquer espectro cartesiano⁴. Desse modo, encruzilhar é fazer fervilhar o *ìpàdè* a ser jogado contra todo o epistemicídio da lógica colonial. Trata-se de um encontro e de uma proteção para que Èsù possa oferendar um feitiço contra qualquer jogo de subjetivação colonial.

Nesse texto será oferecida tal entrega como possibilidade de um encontro cujo procedimento consiste em abrir a boca do mundo de uma educação para a vida a partir das encruzilhadas de Èsù. Trata-se de lançar no mundo a energia e a força de um feitiço mandingueiro cujo saber é proveniente das margens de tecnologias e poéticas que

⁴ Em seu curso *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault (2010) situa um diagnóstico segundo o qual, a emergência do pensamento ocidental foi constituída a partir do que ele mesmo chama de *momento cartesiano*, isto é, segundo o qual toda a experiência do pensamento se deu a partir da dualidade científica e moral do verdadeiro e do falso, do acerto e do erro, da ciência e do senso comum. Mais do que se referir às próprias conceituações feitas por Descartes, o espectro cartesiano designa um projeto sistemático elaborado pela ciência moderna no sentido de validar os seus critérios de cientificidade a partir de uma lógica colonial eurocêntrica, desprestigiando outras formas e possibilidades de saberes, poderes e subjetivações.

circulam sob a perspectiva da evocação de uma abertura para novos caminhos de uma educação decolonial.

Èsù é considerado uma substância ética daquele que fala tudo o que existe e o que pode vir a ser, isto é, Èsù coloca-se contrário ao mundo monológico e toda a mordada do colonialismo, pois “Nessa esquina me cabe dizer que hoje o espírito colonial se expressa em pleno vigor, cada vez mais cruzadista, tacanho tanto pelo terror e pelos assassinatos” (RUFINO, 2019, p. 5).

Tal radicalidade se circunscreve nas esquinas da periferia do capitalismo colonial enaltecendo a beleza por meio de uma potência em que Èsù apresenta-se como artífice da desconstrução do latifúndio e da *plantation* das subjetivações e mortificadas por anos de silenciamentos e assassinatos. Nesse sentido, Èsù é o dono da porteira de uma educação voltada para um projeto de crítica aos horizontes da modernidade, em nome de uma força vital que risca o seu ponto contra a colonização dos nossos corpos subjetivados.

O *Ìpàdè* de Èsù, como lembra Fernandes (2017), trata-se de uma perspectiva de restituição das moradas originárias que fazem irromper os movimentos insurgentes de outros saberes, práticas e sujeitos como contraponto ao projeto de racialização proposto pelo colonialismo.

A encruzilhada compreende a elaboração de uma crítica frente a um emblema cultural e histórico segundo o qual o racismo científico, a segregação política e a exclusão social fizeram do silenciamento e da naturalização das diferenças um lugar comum e inquestionável pelas mãos do paradigma sistemático da racionalidade.

O projeto de uma necropolítica se efetiva como um dispositivo em curso, uma lógica pela qual todo o processo de escravização de negros e indígenas situa uma mortandade das carnes mais baratas do capitalismo colonial. Nesse sentido, é preciso destacar que, desde a emergência da sociedade disciplinar, os desdobramentos de um projeto genocida constituem-se a partir da estruturação de zonas de exclusão do mundo colonial, pois “Enquanto estrutura político-jurídica, a *plantation* é sem dúvida um espaço em que o escravo pertence ao senhor. Não é uma comunidade porque, por definição, a comunidade implica o exercício do poder de fala e de pensamento” (MBEMBE, 2018, p. 27).

O carregamento colonial nos move a pensar como vivemos em uma espécie de engenharia social de um projeto de continuidade formalizado pela lógica colonial, qual seja, os elementos de disciplinarização de uma sociedade que se interessa em promover a segregação e a morte pelas perspectivas de gênero, classe, raça e etnia. É como se a glorificação do suplício cotidiano de corpos marginalizados fosse, sempre a partir do

dilaceramento de qualquer possibilidade de devir minoritário, vir a se firmar e se afirmar em um território marcado pelos pactos da branquitude (BENTO, 2022).

Assim, em um primeiro momento, nosso texto procurará pensar as correlações entre a mortificação dos corpos abjetos e a destituição da memória ancestral pelas mãos da educação como projeto político. Já o segundo momento será voltado para a dimensão performática de Êsù como possibilidade de uma educação para a vida desde a perspectiva da decolonialidade.

Nossas considerações finais são dedicadas a explorar as possíveis estratégias de resistências próprias a uma pedagogia das encruzilhadas em diálogo com uma educação para a vida. Nosso intuito é pensar as condições de possibilidades dessas duas experiências frente ao contexto da colonização.

Atravessando a Calunga Grande: dispositivos disciplinares, mortificação de corpos abjetos e sequestro da memória ancestral pela educação

Nas múltiplas formas e experiências possíveis de uma educação anticolonial, encontramos nas manifestações culturais e estéticas de grupos ligados, as possíveis estratégias para a superação de todo o processo traumático de captura no qual negras e negros tornaram-se cativos ante o empreendimento do mundo colonial tal qual esses versos cantados pelos Jongueiros de Taubaté

Eu vim de longe, jonguerada, vim brinca nesse terrero, peço licença premero pros cumba véio, peço licença segundo pro chefe do reiná, peço licença terceiro pra tudo povaria, saravo tambu, saravo candongueiro, saravo guaiá, saravo estrela do céu, saravo santo inguereza e de promessa, saravo cupanherada tudo, que negro cambinda vai entrá na roda do jongo pedindo licença, licença pra cantá sodação, licença pra cantá linha dereta de bera má, prá todo mundo serená (MOURA, 2012, p. 9).

A fantasmagoria do empreendimento colonial é marcada por sucessivas histórias de violência e pilhagem contra os condenados da terra (FANON, 1979). Desde a emergência da sociedade disciplinar, somos interpelados a reconhecer no processo de dilaceramento e suplício dos corpos, uma experiência de poder voltada para a glorificação da morte dos considerados socialmente indesejáveis (FOUCAULT, 2014).

As experiências racializadas no entroncamento das relações étnicas, de gênero e de classes possuem uma dinâmica histórica ligada aos dispositivos de constituição da

herança colonial pela qual fomos e somos constituídos. Ocorre que tal dinâmica não deve ser entendida como metáfora que localiza a sua curvatura na origem do processo pelo qual o dispositivo colonial foi estruturado. É preciso perceber que tal marca reverbera seus efeitos na nossa atualidade em que são sentidas sua condição de aplicabilidade de um racismo de Estado no que se refere aos antagonismos do nosso tempo presente. Muito embora, os países periféricos em Ásia, Áfricas e Américas tenham constituído uma série de leis e dispositivos legais no sentido de combater à escravidão, seus ecos reverberam por meio da continuidade, ainda que e forma ilegal do trabalho escravo, da ausência de políticas públicas para à população negra e indígena e do processo de encarceramento em massa da mesma população nos presídios e penitenciárias.

A respeito de tal problemática, nos lembra Rolnik (2018), que se constitui, no mundo colonizado, uma emergência de um inconsciente colonial capitalístico a partir de uma governamentalidade racista pela qual se colonizam as experiências subjetivas, as emoções embrutecidas de uma dinâmica voltada tornar os corpos de negros, indígenas e da população LGBTQIA+ como um corolário sistemático da naturalização da morte das suas próprias dimensões corporais, simbólicas e históricas. Nessa travessia da Calunga Grande, continua-se a glorificar o sentimento de genocídio sistemático como forma de silenciamento e de mortificação.

Contudo, essa inscrição da morte vai além das experiências concretas. Existe, em tal projeto, um contexto de uma morte ontológica e imaterial no qual todas as lembranças e as próprias ancestralidades são enfraquecidas pelo carrego colonial. Desde o início do processo de escravização foram construídas fortificações na África e no Caribe nas quais a passagem de negras e negros significava abdicar do próprio corpo e de suas subjetivações, lançando-os no processo de deportação e da travessia da Calunga Grande. Esses lugares de memória sobre a escravização representam, nas palavras de Le Goff (2013), a própria possibilidade de construção de uma narrativa acerca de uma tragédia cujos desdobramentos ressoam sobre o nosso tempo presente.

A educação colonial, com todos os seus códigos e regulamentos permeados de tons burocráticos, não cessa de recomendar aos estudantes uma modulação dos processos de disciplinarização como forma de ensinamento sobre os atos heroicos e humanitários de razão utilitária, humanista e iluminista. Esse projeto de educação colonial não produz diferenças entre o suplício e o fervor da disciplina. O colonialismo em educação constitui-se como um plano sofisticado de aniquilação da memória, assujeitando os seus alicerces de uma contratualidade racial e de gênero, a partir do investimento do desarranjo das memórias negras e indígenas. Como se o projeto desenhado pela educação moderna se constituísse pela demonstração de força e de temor da Casa-Grande ante a Senzala. Mais do que pensar as diretrizes de um projeto

reformista, os elementos de uma educação colonial compreendem a naturalização das diferenças étnicas, de classe e de gênero como projeto de continuidade do projeto genocida de uma guerra em curso.

Frente a toda a diretriz ocidentalizada da educação, poder-se-ia tomar o empreendimento de uma genealogia da sociedade disciplinar como estruturação de discursos e de práticas em torno de um modelo corretivo ou uma espécie de ortopedia do poder pelo qual, sob o tom de um senso humanitário, toda desqualificação de tudo aquilo que se apresenta como entrave ao projeto de colonização do mundo se afirma. Tomando o corpo como objeto de sequestro da memória ancestral, a educação coloca o ritmo dos suplícios em compasso com os elementos da disciplinarização. Como se o problema fosse sempre modular as experiências de castigos, correções, abandonos como emblemas do alicerce das formas de exceção em que as estruturas heteropatriarcais fossem dados consumados dos quais os colonizados só se deixassem mortificar pelo rito do esquecimento.

Gilroy (2001) indica-nos as condições de possibilidades de dissidência e de transgressão em relação a tal projeto. A travessia do Atlântico é também a possibilidade de pensarmos em outras gramáticas para os desafios do nosso tempo presente, ou seja, os elementos de uma ética responsiva para um contexto no qual Êsù é a própria comunicação na e da diferença das identidades negras e africanas, nos convocando a reposicionar a política de privilégios da hegemonia branca e ocidental na educação.

O que é grave é que a “Europa”, moralmente, espiritualmente, é indefensável. E acontece que hoje não são unicamente as massas europeias que incriminam, mas o ato de acusação é proferido no plano mundial por dezenas e dezenas de milhões de homens que, do fundo da escravidão, se erigem em juízes. Pode-se matar na Indochina, torturar em Madagascar, prender na África Negra, sevir nas Antilhas. Os colonizados sabem, a partir de agora, que têm uma vantagem sobre os colonialistas. Sabem que os seus “amos” mentem. Logo, que seus amos são fracos. E, porque hoje me pedem que fale da colonização e da civilização, vamos direito ao embuste principal, donde proliferam todos os outros (CÉSAIRE, 1978, p. 14).

O efeito concreto de tal crítica pode se ocupar com a porosidade de tecnologias e gramáticas que historicamente foram negligenciadas pela educação colonial. É nesse sentido que a figura de Èsù coloca-se como possibilidade de situarmos uma resposta efetiva da educação como fenômeno de resistência das identidades subalternas. Assim, a educação é uma força pulsional de tudo aquilo que é vivo. A vida como força motriz de tudo aquilo que se espalha pelo mundo, esse modelo converge na condição de pensarmos uma educação que, acima de tudo, é política reunindo todas as experiências de culturas e modos de saber e de fazer nas socializações e interações. A geografia de um pensamento provocativo que se ocupa em posicionar a educação para além da sua ortografia disciplinarizadora e do controle faz emergir o conflito da ordem do caos criativo. O convite formado pela perspectiva de uma pedagogia das encruzilhadas portanto, reflete a necessidade de não compreendermos mais a educação somente como lugar, por excelência, do apaziguamento e das soluções de problemas como sugere Rufino (2019). É justamente tal valor moderno que aos olhos de uma crítica radical da máquina de guerra decolonial frente a cruzada moralista do colonialismo responsável por sufocar tudo o que se apresenta como processo inventivo e de criação.

Quando Èsù risca o seu ponto: o que é uma educação para a vida desde a perspectiva decolonial?

O drible no campinho de areia dos bairros, a gingada angoleira das rodas de capoeira, a batalha de rimas no centro da cidade, o gole amargo e forte da cachaça nos botecos, as rodas e giras nos terreiros de umbanda e candomblé. Qual a relação de tais práticas com a educação e, mais especificamente com uma pedagogia das encruzilhadas? A resposta que gira em torno de tal questionamento compreende a encruzilhada como um ato de lançar *cruzo* pelo qual são reverberadas formas marginalizadas de sabedorias que foram, ao longo da história desacreditadas pelo mundo colonial, pois

[...] a própria noção de encruzilhada é um saber praticado ancestralmente que aqui é lançado como disponibilidade para novos horizontes que reivindicam a sofisticação de um mundo plural, pujante e vigoroso, contrário e combativo ao desencanto do mundo. A encruzilhada é o principal conceito assente nas potências do orixá Exú, que transgride os limites de um mundo balizado em dicotomias (RUFINO, 2019, p. 16).

O que está em jogo nessa perspectiva é, portanto, o avivamento da educação por meio da encruzilhada na relação de Èsù a partir das forças vitais e anticoloniais. O cenário de tal processo converge na possibilidade de transcendermos o pensar da educação como um dispositivo de controle e de disciplinarização, em nome do fervilhar das invenções, da criatividade e da própria experiência vital.

De acordo com Ramos e Sepúlveda Neto (2022), o colonialismo representa um entrave aos elementos da multiculturalidade e das diferenças. Desse modo, uma educação para a vida a partir dos elementos de Èsù, pode ser sinalizada como uma ousadia, ou melhor, um enfrentamento dos corpos e subjetivações colonizados, abrindo uma possibilidade de que sejam enfeitizadas a colonização do próprio pensamento. Trata-se de mostrar como nos corpos encantados das margens, como são vis, racistas e xenofóbicas as práticas de educação que se efetivam pelo controle da força vital.

O colonialismo – observado por qual ângulo for, o do colonizador ou do colonizado – é um disparo sem chance de retorno. Nesse sentido, a pergunta que fica e nos moverá aqui é: vencer a demanda implica necessariamente no fim da guerra ou perpassa por aprender a domar a espiritualidade que a ascende? Mesmo que os confrontos gerados pela guerra cessem esse ato, não será suficiente para interromper o contínuo instaurado pelo acontecimento colonial (RUFINO, 2021, p. 26-27).

O projeto colonial manifesta-se no corpo e, desse modo podemos percorrer os caminhos de uma experiência de uma encruzilhada como cerne, em que os corpos abjetos poderão pôr fim ao processo de violência, de racismo e da formação das zonas de exceção pela lógica do etnocentrismo, em nome de uma educação para o amanhã, uma educação anticolonial como dispositivo de *macumbilização do mundo*, pois, conforme argumenta Krenak (2019), trata-se de uma provocação necessária a tarefa de uma crítica radical proveniente dos saberes originários contra todo o projeto de mortandade e de necropolítica presente no colonialismo.

Emerge em tal contexto a porosidade do cruzo como dimensão de uma diversidade poética e, ao mesmo tempo, política a partir da emergência de ontologias minoritárias, em que a alegoria de Èsù representa a ginga angoleira na vida e em educação. Ter ginga e malícia representa a quebra de um feitiço da mediocridade dos colonizadores. Portanto, o efeito de uma orientação ética e estética de uma encruzilhada desdobra-se, colocando o despacho contra o carregamento colonial.

As estratégias de lutas de tal educação para a vida a partir da encruzilhada de Èsù, devem favorecer um ataque sistemático contra a supremacia da hegemonia epistemológica centrada nos elementos da colonialidade dos saberes e dos poderes. Na esteira de tal debate, Kilomba (2019) nos aponta que a perspectiva da violência colonial corrobora com uma sistemática e estrutural dinâmica da perpetuação do racismo e suas decorrentes formas de naturalização. Justamente por conta de tal aspecto é que o procedimento de uma pedagogia das encruzilhadas consiste no deflagrar de um confronto contra os privilégios, pois raça, gênero e classe são marcadores de uma estratégia de sublevação de modos de subjetivação de populações historicamente marginalizadas que se apresentam como contraponto às plataformas de uma educação voltada para o controle racializado dos corpos colonizados.

Na esteira desse debate, Sodré (2017) argumenta que os elementos de territorialização de uma educação voltada apenas para a lógica do empreendimento colonial, acabaram por relegar aos negros, indígenas e a população LGBTQIA+ contexto de uma mortificação dos seus corpos e subjetivações. Os dispositivos de tal prática de violência conferem à produção de modos de subjetivações colonizadas um lugar de subalternidade e de assujeitamento, conforme Spivak (2010), repelindo qualquer experiência, qualquer prática dialógica proveniente dos colonizados.

Èsù, portanto, compreende a uma possibilidade concreta e material em uma educação para a vida. Ele é movimento localizado nos interstícios, nas idas e vindas dos acontecimentos cruzados promovidos no contexto de um debate acerca das lutas antirracistas no mundo contemporâneo. O avivamento dessa encruzilhada sinaliza os efeitos pelos quais as palavras são cuspidas pela *marafa* contra os pressupostos da violência necropolítica da empresa colonial. Nesse sentido, Èsù compreende as dinâmicas de uma possível nova gramática para uma educação anticolonial.

Encruzilhar os caminhos nas porosidades das resistências e das existências, reposicionando-se estrategicamente nos nossos saberes e práticas a favor da máquina de guerra decolonial. Nessa produção do *outro*, nos interessa pensar os contextos de uma ontologia da subjetivação negra, contra o carrego colonial.

O que é o mundo colonial senão uma pilhagem de cacos? O que é a banda de cá do Atlântico senão uma pilhagem de cacos? O que é a banda de cá do Atlântico senão um aterro das sobras da construção civilizatória do ocidente europeu? Miremos para além dessa primeira vista, a encruzilhada atlântica nos guarda mais segredos. Os cacos de cá se movem, pois são encarnados pela potência ancestral de

Yangi. Uma terra alimentada pelo sangue do sacrifício é uma terra que pulsa a invenção de outras possibilidades de vida (RUFINO, 2019, p. 26).

Quando Èsù risca o seu ponto, ele promove a estripulia e a zombaria na educação. Se o colonialismo cindiu o mundo dividindo-o e organizando a realidade a partir das suas posições binárias, na contramão de tal processo, a encruzilhada de Èsù remete a uma condição fundamental de percebermos como os espaços de centro e da margem são acoplados ao mundo da encruzilhada.

Em síntese e sabendo que a educação brasileira é, em grande medida, moldada pela cultura do ‘norte global’, que tipo de ações, propostas, projetos educacionais podem ser feitos para repensar e/ou modificar a educação no país? A esse respeito convém percebermos o papel político de uma pedagogia das encruzilhadas, como uma estratégia ontológica pela qual a educação se desdobra na tarefa de oportunizar a emergência dos saberes periféricos levando em conta, uma ação voltada para o enfrentamento ao racismo, as dinâmicas dos estudos de gênero e a dimensão das classes sociais existentes.

Considerações finais: jogando um ebó no mundo colonial

As forças reativas do mundo colonial fazem emergir a perspectiva de uma guerra sistemática contra tudo aquilo que é criativo e livre. Trata-se, portanto de um projeto em curso que se não se contenta apenas se apropriar dos elementos de corporeidade ou dos saberes ancestrais, mas produzir uma dinâmica voltada para o silenciamento das experiências provenientes da negritude, e dos modos de vida dos povos originários.

O colonialismo constitui-se como um processo em curso. Ele aniquila vidas, racializando todos os corpos que, todavia, resistem ao processo de disciplinarização e de controle. Como estratégia de manutenção dessa soberania, a educação tem se colocado como aliada desses dispositivos de poder, de saber e de subjetivações. Desse modo, é preciso destacarmos as possíveis estratégias de resistências contra tal modelo pois,

[...] campo de batalha é também campo de mandinga. A vida, como jogo que é, também é o tempo e espaço em que cada esquiva ou pernada que se usa como arma é acompanhada por uma mão invisível que acolhe e nos concede o livramento. O campo de batalha é o lugar das estratégias, já o de mandinga é onde se praticam as frestas. A partir das sabedorias aqui reivindicadas não há batalha

sem mandinga e mandinga sem batalha (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 105).

É no gingado de uma capoeira angola, em um samba de roda, em uma gira de Candomblé ou de Umbanda, é em um ritual de pajelança ou ainda nas brincadeiras de rodas que se desdobram os cantares de um novo formato de uma nova modulação das experiências criativas das resistências. Da mesma forma, tal processo relacionado ao campo das práticas educativas faz precipitar os agenciamentos de tudo aquilo que escapa ao controle e disciplinarização dos corpos. As encruzilhadas de uma educação para a vida valorizam as traquinagens na hora do intervalo, do recreio, as relações de amizades, a insubordinação frente aos efeitos burocratizantes e etnocêntricos das rotinas escolares e a transgressão ao discurso normativo dos processos avaliativos de ensino e de aprendizagem. Trata-se de uma educação que retira o viés sacralizado da educação patriarcal, branca e europeia, para lança-la no mundo de um elogio de uma profanação (AGAMBEN, 2007).

Nos elementos de um processo de encantamento orquestrados pelos modos coloniais de se pensar e de sentir, a encruzilhada de uma educação para a vida sintetiza as experiências de um *ebó* que remete a transmutação para um recomeço em que, para Rufino (2019, p. 87) “A compreensão de ebó enquanto sacrifício perpassa diretamente as dimensões do movimento, da transformação, do inacabamento e das dinâmicas de compartilhamento, transmissão e multiplicação das forças vitais”, ou seja, sacrificar o que já existe para criar novas possibilidades que potencializem as experiências radicais de um ontologia da decolonialidade. Esse contrafeito é lançado sobre as subjetividades prostradas ante a empresa colonial do *homem branco, europeu e civilizado* encruzilhando as formas sistemáticas dessa educação profana de modo a vislumbrar a pluralidade dos saberes periféricos e voltados para o devir minoritário.

Na encruzilhada de Èsù a resistência caminha lado a lado com a prática de liberdade. O gingado é, assim, um contraponto epistemológico. É uma prática de potência da vida, inventariando outros modos e dimensões ontológicas e processos de subjetivação. Uma pedagogia das encruzilhadas em compasso com uma educação para a vida se propõe em fazer sublevar-se as vozes de subjetividades corpóreas que são da ordem da travessia e da antropofagia. O cruzo, em tal perspectiva faz eclodir a emancipação das marafundas coloniais, pela via de uma pedagogia das encruzilhadas, indo além de uma perspectiva metodológica, mas como uma alegoria de uma vida alegre que se efetiva pela presença de Èsù no lado de cá do Atlântico, o qual comprova, pois, a redenção de resistência frente ao projeto de colonização. Pensar nesses desdobramentos de uma educação antirracista e anticolonial é justamente recorrer a produção de visões

que problematizam os lugares comuns da educação. Uma educação que, conforme sugere Hooks (2013) nos ensina a transgredir.

Os modos pelos quais uma educação para a vida desde a perspectiva de Èsù reflete a possibilidade de desconstrução dos muros que separam o controle dos corpos e, as tecnologias presentes nas experiências de ancestralidade para um encantamento das vivências e da manifestação das diferenças, a qual confirma a existência dos sujeitos a partir de seu protagonismo, pensada a partir de uma educação na bagunça, na desordem, na incapacidade de controle e dominação dos sujeitos.

No contexto de uma estrutura necropolítica, de racialização e de epistemicídio é de fundamental importância tensionarmos esses efeitos de uma educação antirracista, desdobrada pelos modos em que as experiências contemporâneas da decolonialidade se afirmam frente a dimensão política dos movimentos produzidos pela encruzilhada de Èsù.

Pensar uma educação para a vida a partir de Èsù, possibilita outros modos de subjetivação das experiências humanas, distinto do pensamento europeu emergindo condições para problematizar as realidades que nos cercam. Trata-se, desse modo, de fazer fervilhar das experiências de encruzilhadas potencializando o desejo de caminhar por este “não lugar”, por este avesso ao colonialismo, que de acordo com Rufino (2019), é o processo de “desmacumbização” das experiências, pois:

Para o colonialismo, não bastou o vigor da sua política de não existência, destituição ontológica daqueles submetidos como não brancos, foi preciso também se empenhar em um controle das dimensões da linguagem enunciada por esses grupos (RUFINO, 2019, p. 116).

Ou seja, se o colonialismo mata ontologicamente os sujeitos colonizados para doutrinar suas experiências de vida, encruzilhar a educação significa produzir novos agenciamentos de uma luta anticolonial.

O cruzo, como perspectiva teórico-metodológico da pedagogia das encruzilhadas, é o momento em que a pluralidade encontra potência, pois os atravessamentos possuem como efeito outras possibilidades que emergem da vida, das perspectivas ontológicas de cada sujeito e sobrepõem os absolutismos, evidenciando o inacabamento como um ponto fundamental para uma educação transversal e capilar.

Por ser um símbolo de resistência, a performatividade de Èsù é compromisso firmado a partir dos elementos de um confronto aberto contra toda arbitrariedade possível dos dispositivos de captura da vida.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Tradução de Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.
- BENTO, Cida. *O Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso Sobre o Colonialismo*. Tradução: Noémia de Souza. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução: José Laurenio de Melo. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FERNANDES, Alexandre de Oliveira. Em narrativas amadianas, Exu: a boca que tudo come. *Revista Criação & Crítica*, n. 18, p. 20-37, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/128857/129850>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Annus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramallete. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: 34, 2001.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão. 7ª ed. Campinas: UNICAMP, 2013.
- MBEMBE, Achile. *Necropolítica*. São Paulo: N-1, 2018.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *A Travessia da Calunga Grande: três séculos de imagens o negro no Brasil (1637-1899)*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- RAMOS, Danielle de Cássia Afonso; SEPÚLVEDA NETO, Manuel Jesus Guerra. “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”: caminhos para uma educação antirracista no Distrito Federal. *Revista Calundu*. v. 5, n. 2, p. 65-77. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/41407>. Acesso em: 16 nov. 2023.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1, 2018.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.

RUFINO, Luiz. *Vence-demanda: educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2018.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Marcos Pereira Feitosa. André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.